**Artigo para XXIX Jornada Regional do IJRS**

**Candidata: Marluce Renz**

***O amor na relação terapêutica: um diálogo entre Rumi e Jung***

**Danço com a Luz**

**[..]Desiste de procurar o amor**

**apoiando-te no bastão do intelecto;**

**esse bastão não é nada**

**além da bengala do cego.**

**Tudo o que preciso**

**é um sinal que venha de ti,**

**basta um aceno teu**

**e minha alma será libertada.**

**Não sou deste lugar;**

**aqui sou estrangeiro e ando às cegas,**

**à espera de que chegues e me mostres**

**o caminho que devo seguir.**

**(RUMI, 2017, p. 156)**

**O amor, essa força extraordinária que movimenta o ser humano, não é um continente fácil de se adentrar. Para ali transitarmos precisaremos nos despir das vestes do puro intelecto e termos a coragem de nos aventurar de mãos vazias, pois muito do que possuímos não nos garante uma travessia segura.**

**Nesse continente chamado amor entraremos com o coração; não um coração físico, emocional, pessoal, íntimo como Santo Agostinho falava (HILLMAN, 2010). Mas aquele coração que Henry Corbin denominou como o verdadeiro órgão de cognição e verdade (CHEETHAM, 2015). É esse coração a partir do qual Rumi escreve toda a sua poesia.**

**Jung adentrou nesse continente. Em uma carta que ele escreveu em 1922 respondendo a um convite para fazer uma conferência sobre o amor, disse que em toda a sua vida ele mesmo nunca pôde explicar tal sentimento pois tratava-se de um grande mistério (JUNG, 2001). Na primeira carta que Freud escreve a Jung em 1906, Freud sinaliza que a cura era essencialmente efetuada pelo amor. Assim, o amor também é material psíquico; é aquela matéria mais nobre, mais valiosa e faz parte do encontro terapêutico.**

**Mas escrever sobre o amor é adentrar num novo território cuja bússola da razão na sua concepção mais literal é inútil: o norte está em outro lugar. Nas palavras de Rumi, somos estrangeiros e a linguagem que falamos não nos servirá de guia nessa nova terra.**

**Como terapeutas, seguidamente viajamos por esse território. Mas como mapeá-lo? Como decifrá-lo? Para falar do amor, seremos guiados por Rumi e adentraremos pela via intuitiva da experiência. Nos seus versos, Rumi revela o seu encontro amoroso com Deus e sentimos a profunda conexão com uma instância maior, arquetípica, como diria Jung. Rumi põe em versos aquilo que sentimos e não conseguimos nomear. Para ele, a experiência do amor está no coração, pois é ali que reside a experiência da completude.**

**Mas que coração é esse? Para Rumi o coração é um órgão psico-espiritual; é um receptáculo pelo qual Deus se revela; é um lugar de conhecimento. É por esse órgão cuja corporeidade não é material que é possível adentrar no que Henry Corbin vai chamar de verdadeira Realidade (CHEETHAM, 2015). Isso não é metafórico, mas trata-se de uma ordem precisa da realidade, correspondente a um modo preciso de percepção. Hillman (2010, p.15), nos alerta de que como “estamos privados de uma psicologia e de uma filosofia do coração adequadas corremos o risco de confundir imaginal com subjetivo e interno e essencial com externo e objetivo.”**

**Para Jung é na mitologia que iremos encontrar a história de Eros. Hesíodo, na obra Teogonia, nos conta que no princípio existia o *Caos*, um vazio, uma espécie de massa confusa onde se misturavam toda a origem dos seres. O primeiro ser a surgir a partir de *Caos* foi Gaia, a mãe de todos os seres. Das suas profundezas, surgiu o Tártaro. E finalmente Eros desperta: aquele que seria o deus que propiciaria a ligação amorosa de todos os seres, considerado o mais belo dos deuses, aquele que conecta, que une (HESÍODO, 1991).**

**Em outra versão, Aristófanes, no seu discurso no Banquete de Platão, argumenta que Eros era o deus “mais benéfico aos homens, médico de males, que ao curar, proporciona o mais completo bem-estar ao gênero humano” (PLATÃO, 2010, p. 61). Ele lembra que no início haviam três gêneros de seres habitando a terra: o masculino, o feminino e o andrógino. O andrógino foi dividido ao meio, por causa da sua insolência junto aos deuses. Assim, quando Zeus ordenou que eles fossem partidos, a partir dali eles começaram a sentir falta de sua outra metade, sentiram-se incompletos pois *a natureza primitiva era de totalidade, não de divisão*. Aristófanes nos diz que se somos amigos de Eros, se vivermos em paz com ele, encontraremos nossa metade pois “o nome Eros também corresponde à busca de totalidade” (PLATÃO, 2010, p 69).**

**Essa busca pela totalidade é uma das bases do pensamento de Jung. Na alquimia, é a operação da coniunctio, esse casamento, essa união buscando uma consciência mais ampla, o ponto culminante da *opus*: amante e Amado unidos (EDINGER,2006). Essa é a busca de Rumi. Rumi foi filósofo, teólogo e poeta. Nasceu na Pérsia, no séc. XIII. Em toda sua poesia esse caminho ao encontro do divino é trilhado pela via do coração pois é ele o sutil órgão visionário que permite adentrar no *mundus imaginalis*, termo usado por Corbin para falar de uma região onde ocorre a integração entre o espiritual e o material. Nesta região intermediária o conhecimento não se dá através da teorização, mas através da experiência emocional, de encontro com seres, dimensões e profundidades do imaginal (CHEETHAM, 2015).**

**A poesia de Rumi é uma poesia espiritual. O grande fio condutor é a relação entre amante e Amado – entre o homem e a divindade. Rumi é do oriente – não só um oriente físico, uma região geográfica, mas Rumi traz aquele oriente que Corbin (1994) chama de *polo de orientação*, uma direção, um senso que orienta o homem no mundo. No oriente de Rumi, nos dirigimos a um polo divino, a uma outra forma de percepção do mundo, imaginativa e também poética, pois para ele é pelo amor que tomamos consciência da alma e do espírito.**

**A poesia de Rumi conduz a alma para o reino onde a sabedoria do coração habita. Há uma ciência no coração e possuí-la é ter acesso aos segredos divinos. Mas é uma ciência diferente da que conhecemos. É uma ciência que demanda intimidade e não distanciamento. Implica entrega e não de abster-se de envolvimento. É aquela postura que Jung vai falar quando se refere ao encontro alquímico de duas substâncias. A poesia de Rumi nos conduz a todo momento a esse lugar de intimidade, de entrega que só pode ser acessado pela via do amor. Nas palavras dele:**

**Tocaste a órbita do coração celeste,**

**agora fica aqui.**

**Pudeste ver a lua nova**

**agora fica.**

**Sofreste em excesso**

**por tua ignorância,**

**carregaste teus trapos**

**para um lado e para o outro,**

**agora fica aqui.**

**Teu tempo acabou.**

**Escutaste tudo o que se pode dizer**

**sobre a beleza desse amante,**

**fica aqui agora.**

**Juraste em teu coração**

**que havia leite nesses seios,**

**agora que provaste deste leite,**

**fica.**

**(RUMI, 2017, p. 130)**

**Quando o amor adentra no setting a linguagem muda e muitas vezes nem nos apercebemos disso. Quieta, mansinha, essa linguagem mais poética, imaginativa vai pouco a pouco ganhando espaço. É aquele momento na terapia em que a narrativa deixa de ser monótona, a alma retorna, temos um sentimento de profundidade e encontramos sentido nas pequenas coisas, nos detalhes, no que parece mais insignificante. Com amor, despertamos esse coração imaginativo e saímos de uma atitude de mera reflexão mental para uma atitude de profundidade. Hillman (2010) vai nos dizer que o movimento para o coração já é um movimento de *poesis*; é psicológico.**

**Rumi nos diz nos seus poemas que é o sentimento de falta de algo primordial que o leva a um caminho incessante para o encontro com o divino. Nossos pacientes também chegam à terapia movidos por uma necessidade, um desejo, uma falta. Quando eles chegam, escutamos suas histórias e nessa escuta Hillman (1984) identifica duas consciências operando: a consciência do ego e a consciência que ele chamou de imaginal.**

**Essa consciência imaginal, essa consciência do coração é uma necessidade da alma. Sem ela, há um sentimento de esvaziamento muito grande; o mundo interno e o externo tornam-se pobres. Rumi diria que há uma incompletude. E não é assim que muitos chegam ao nosso consultório? E como restauramos essa consciência do coração? Hillman (1984) ressalta que a cura da alma passa pela cura da linguagem. Talvez, junto com nossos pacientes, precisaremos convocar nosso poeta interno. É ele, o amor, que poderá revelar e desvelar a sabedoria que está no coração.**

**Para Rumi, a Verdade sempre esteve; ela é. A verdade, porém, é encoberta com véus, que pouco a pouco, à medida que o viajante avança no caminho amoroso do encontro com o Amado, ela é revelada. Para Jung, é no encontro terapêutico, no diálogo com o Self, que novas possibilidades vão sendo desveladas. Nas palavras de Rumi:**

**Dentro de mim há um oceano**

**em que se afogam, com todas as suas penas,**

**mil Rumis.**

**Mundos dentro de mundos.**

**No seio desse oceano**

**Sonhadores engendram múltiplas Bagdás.**

**Adormecido ou desperto,**

**onde viste a ti mesmo por inteiro refletido?**

**(RUMI, 2017, p. 127)**

**Paciente e terapeuta guiados por Eros tornam-se desveladores: aqueles que retiram os véus. Tocar no véu que encobre a verdade demanda zelo, cuidado, delicadeza pois ali, encontra-se matéria divina.**

**Em seu discurso no Banquete, Agaton argumenta que “ao toque de Eros, todos devêm poetas” e que Eros “é um poeta tão completo que leva outros a poetar” (PLATÃO, 2010, p. 79). Junto com nossos pacientes tornamo-nos poetas, viajantes na busca de algo precioso, *numinoso*.**

**A linguagem poética carrega assim a possibilidade de revelar a verdadeira realidade da alma que está ali, no detalhe, na profundidade, na intimidade; é o amor que leva ao interessa por aquilo que é mais pequeno, por aquilo que passa despercebido da razão. Se como diz Hillman (1984), a alma é uma perspectiva, não podemos então olhar com o coração? Trabalhar amorosamente com nossos pacientes, implica, muitas vezes, em receber e trabalhar aquela matéria-prima primeiro em nós mesmos. Precisamos estar receptivos, abertos, entregues. Como diz Rumi: “Faz do sono da noite a hora da revelação divina. Abraça o dom de Deus – torna-te templo, sê o templo! Se a amada revela sua beleza, torna-te espelho! Se ela solta os cabelos, torna-te pente” (RUMI, 2017, p.116).**

**No abraço afetuoso, na escuta atenta, na presença acolhedora, no silencio, nos pequenos gestos, Eros vai adentrando devagarinho, sorrateiramente, quase imperceptível. Mas fiquemos atentos: quando menos esperamos, somos surpreendidos com aqueles momentos de insights, de tomadas de consciência, de conexões transformadoras, que tocam profundamente paciente e terapeuta. Rumi traduz esse momento dizendo: “Vem conversemos através da alma. Revelemos o que é secreto aos olhos e ouvidos. Sem abrir a boca, contemo-nos todos os segredos do mundo, como faria o intelecto divino” (RUMI, 2017, p. 60).**

**Quando permitimos que Eros nos guie, confiando que ele não só tem a capacidade de curar, mas também carrega a possibilidade de proporcionar o mais completo bem-estar ao homem, como disse Aristófanes, clinicar e poetar já não são forças antagônicas. “Tocaste a órbita do coração celeste, agora fica aqui. Entrega-te ao silêncio e fala sem palavras, como fazem os anjos no domo deste céu. Atenta para as sutilezas que não se dão em palavras. Compreende o que não se deixa capturar pelo entendimento” (RUMI,2017, p.7). Silenciosa e amorosamente juntemo-nos a essa legião de ativistas, psicólogos do coração, que trabalham incógnitos em seus consultórios. Aceitemos a recomendação do poeta: agora fica aqui. Há um profundo e necessário ativismo no amor.**

**REFERÊNCIAS**

**CHEETHAM, T. The world Turned Inside Out. New Orleans: Spring Journal, Inc., 2015.**

**CORBIN, H. The Man of Light in Iranian Sufism. Trad. Nancy Pearson, New York: Omega Publications, 1994.**

**EDINGER, E.F. Anatomia da Psique. São Paulo: Cultrix, 2006**

**HESÍODO. Teogonia: A Origem dos Deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991**

**HILLMAN, J. Mito da Análise: três ensaios de psicologia arquetípica. Trad. Norma Abreu Telles. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.**

**HILLMAN, J. O pensamento do coração. Campinas: Verus, 2010.**

**JUNG, C.G. Cartas, vol. I. Petrópolis: Vozes, 2001.**

**PLATÃO. O Banquete. Tradução Donaldo Schüller. Porto Alegre: L & PM, 2010.**

**RUMI, J.AL DIN. Poemas Místicos: Seleção de poemas do Divan de Shams de Tabriz. 2.a ed. 4.a reimp.Trad. José Jorge de Carvalho. São Paulo: Attar, 2017.**